

TRIBOS URBANAS: A CULTURA IMAGÉTICA COMO REFERÊNCIA IDENTITÁRIA

CORRÊA, Amanda Ribeiro¹

¹ Acadêmica, Curso de Artes Visuais – Licenciatura – UFPel. amandacorreia@hotmail.com

BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos²

² Profa. Me, Departamento de Artes e Comunicação – Instituto de Artes e Design – UFPel.
attos@vetorial.net

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma pesquisa em andamento, desenvolvida no curso de Artes Visuais – Modalidade Licenciatura, UFPel. A pesquisa tem como público alvo estudantes de Ensino Médio de uma escola pública de Pelotas, com idades entre 15 e 20 anos, objetivando investigar o impacto da reflexão sobre a Cultura Visual e a formação de tribos urbanas na formação identitária de estudantes do Ensino Médio, nas aulas de Arte, além de: verificar se nas aulas de Arte da instituição investigada são problematizadas as questões de identidade a partir da Cultura Visual; analisar como os sujeitos da pesquisa reconhecem as tribos urbanas no contexto contemporâneo; identificar quais imagens promovem a formação de tribos urbanas entre o público alvo.

A fundamentação teórica abarca os estudos de Cultura Visual a partir das idéias de Fernando Hernandez (2000), que enfoca as manifestações visuais das diferentes culturas, desde as produções clássicas que se encontram nos museus até os cartazes publicitários, anúncios, videocliques, e demais imagens que fazem parte do cotidiano dos sujeitos contemporâneos. Portanto, o autor tem como objeto de estudo os “artefatos materiais (edifícios, imagens – fixas e em movimento – representações no *mass media*, performances, etc.) produzidos pelo trabalho ou pela ação e pela imaginação dos seres humanos com finalidades estéticas, simbólicas, rituais ou político-ideológicas” (HERNANDEZ, 2000, pag. 134).

Considera-se também a fragmentação da formação identitária dos sujeitos, que se compõem não mais de uma identidade, mas de várias e que por vezes podem se apresentar contraditórias (HALL, 1999) e suas manifestações na formação de tribos urbanas, resultantes da necessidade que os sujeitos pós-modernos apresentam de identificarem-se com um grupo com características em comum, evidenciadas, por exemplo, na moda, e que é reforçada pela disseminação através das novas tecnologias (MAFFESOLI, 2010).

Segundo Hernandez (2000), o ensino reflexivo a cerca das imagens cotidianas possuem relevância ao contribuírem para que os alunos deixem de ser passivos diante do que a sociedade contemporânea os apresenta, tornando-os cultos, capazes de interpretar[-SE], refletir[-SE], compreender[-SE] e dar respostas ao mundo em que vivem. Assim, será possível que pensem criticamente sobre os impactos das imagens cotidianas não apenas nas estruturas sociais, mas diretamente em suas personalidades e formação de suas identidades e subjetividades, pois determinadas ações, escolhas, conceitos e até mesmo a idéia que formulamos da realidade são condicionados por informações que nos chegam através do contexto visual contemporâneo.

Levando em consideração o acima exposto, apresenta-se a seguinte hipótese: Ao realizar reflexões sobre a Cultura Visual nas aulas de Arte, será possível uma mudança em relação à passividade dos indivíduos contemporâneos frente às imagens que fazem parte de seus cotidianos. Isso, tendo em vista que o sujeito quando instigado a questionar e interpretar o contexto visual que o cerca, compreende o papel que as imagens assumem/desempenham na sociedade atual, principalmente na construção de uma identidade, ou seja, a forma que se dá o reconhecimento e a representação do próprio sujeito.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A metodologia privilegia uma abordagem qualitativa e estão sendo utilizados os seguintes procedimentos: revisão bibliográfica; preenchimento de questionário exploratório pelos alunos; realização de entrevista semi-estruturada com o professor da turma; realização de oficinas privilegiando a construção de autorretratos; análise das imagens tendo por base os estudos de Jacques Aumont (1993), no entendimento de que a imagem visual tem origem na esfera do simbólico, não relacionado obrigatoriamente a uma iconografia, mas, sim, vinculado ao imaginário, individual e/ou social.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A investigação encontra-se em sua fase inicial, no entanto, observações realizadas em sala de aula, apontam que as práticas pedagógicas no âmbito da Arte acontecem descontextualizadas. Elas abordam exclusivamente os objetos artísticos, desconsiderando o contexto em que estão inseridos, assim como tantos outros objetos do universo visual, tornando estes conhecimentos distantes e incompatíveis com a vida cotidiana dos estudantes. O prazer proporcionado pela apreciação dos objetos artísticos é exaltado como se fosse esta a sua única finalidade, sem ser contemplada a compreensão crítica e instigada a reflexão autônoma dos sujeitos acerca dessas imagens e de suas relações em esferas cultural, econômica e social.

Este fato é comprovado através do preenchimento do questionário exploratório pelos alunos a cerca do repertório referente ao ensino de Arte que tiveram acesso até então. Pois, através deste, contatou-se que o ensino de Arte na escola investigada privilegia a prática de desenho livre e desenho geométrico e logo em seguida, estudos do período clássico e as práticas artísticas tradicionais, como escultura, gravura e pintura. Movimentos de vanguarda aparecem com menos frequência e, em último lugar, as práticas contemporâneas e estudos relativos à Cultura Visual. De acordo com a professora da turma analisada, a falta de uma formação continuada dos professores é um dos principais motivos para a desatualização do ensino de Arte. Ela ainda coloca que, devido à baixa remuneração da categoria, os professores são compelidos a trabalhar numa carga horária excessiva, não tendo, desta forma, incentivo para melhoria de sua formação.

Em relação às tribos urbanas, os alunos as reconheceram no contexto escolar e apontaram suas principais características, deixando claro suas opiniões de que atualmente a formação destes grupos se dá quase que exclusivamente em torno da indústria fonográfica. A partir do estilo musical que é vendido, agrega-se uma série de imagens representativas desta tribo, assim como um estereótipo do sujeito que se insere neste grupo.

Em nenhum momento os alunos relacionaram as tribos urbanas a posicionamentos de cunho político, social ou ideológico, em contraposição aos seus surgimentos como movimentos de contracultura na pós-modernidade. Estas tribos eram vinculadas a ideais, em sua maioria libertários, devido as regras e valores que o sistema capitalista passava a apresentar, como por exemplo os hippies, punks, etc. Esta origem é desconhecida pelos alunos, que conhecem e integram as tribos atuais unicamente por influência da mídia que as promovem com interesses sociais e de mercado. Os adolescentes nesta faixa etária possuem maior envolvimento entre as tribos por estarem constantemente em busca “do sentimento de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação” (MAFFESOLI, 2010, pag. 224).

A respeito deste comércio que envolve as tribos, os alunos apontaram os seguintes meios e imagens que as promovem e disseminam: televisão, cinema (em sua maioria filmes americanos), canal de música (MTV), internet, rádio (Atlântida). Além disso, os estudantes afirmam interessar-se por características de diferentes tribos, o que mostra a fragmentação identitária dos sujeitos que transitam entre as múltiplas referências que circulam, através das novas tecnologias, na era da informação. A identidade, neste caso, faz parte do conceito de pós-moderno, em que Hall (1999) aponta indivíduos com identidades fragmentadas devido à universalização de referências que trazem conhecimentos globalizados, sujeitos que vivem em um tempo de identidades imprecisas, de variações de indivíduos em uma mesma pessoa, um tempo onde um ser pode comportar, por vezes, identidades contraditórias, identidade definida pelo autor como uma “celebração móvel”. Segundo Maffesoli (2004), as identidades se tornam provisórias, são incorporadas ao procurar outra possibilidade de si mesmo em um momento de incompletude, e geralmente isto se concretiza ao participarem do que o autor chama de “ajuntamentos sociais”, onde prevalece o sentimento de “estar junto, à toa”.

É importante esclarecer que não há o intuito de generalizar o modo de inserção dos sujeitos nas tribos urbanas. Sabe-se que alguns indivíduos ao integrarem uma tribo, possuem conhecimento de sua origem e dos valores e ideais envolvidos, participando muitas vezes como ativistas sociais em prol de uma causa. Quando estes valores vão de encontro ao sistema vigente, muitas vezes os envolvidos costumam ser marginalizados, esquivando-se ao máximo da “formação” social. Este trabalho não visa discutir estes casos, mas, sim, analisar entre os adolescentes como se dá o reconhecimento destas tribos, promovendo discussões sobre como estas foram subvertidas e suas imagens representativas - seus estilos comportamentais - foram apropriados pelos “modismos”, industrializados e comercializados, formando grupos sociais (tribos) com aparências e comportamentos pré-determinados.

Os trabalhos de auto-retrato e análise das imagens ainda estão em fase de execução.

4 CONCLUSÃO

Considerando que o contexto contemporâneo apresenta a preponderância da atividade visual, no qual as imagens assumiram a função de disseminar informações que versam sobre os valores e ideais típicos das sociedades pós-modernas, é possível afirmar que as imagens possuem representatividade nas escalas estética, política e sócio-cultural, influenciando o sentimento de pertencas identitárias que se diluem na efemeridade dos espaços públicos midiáticos. Esta realidade exige

capacidades cognitivas específicas que propiciem, através da problematização da Cultura Visual, novos modos de percepção do mundo ao redor, tema abordado nos Parâmetros Curriculares Nacionais para a área de Artes, que dentre outros objetivos, propõem a preparação de espectadores críticos, receptores ativos das manifestações artístico-culturais de seu tempo histórico

Neste sentido, a pesquisa visa reunir subsídios que qualifiquem e permeiem as práticas pedagógicas do professor de Arte, justificando-se pela preocupação a respeito da quantidade de imagens presentes e diluídas na sociedade da informação, com diferentes finalidades e objetivos. Considerando a riqueza visual do contexto contemporâneo e a incapacidade de leitura crítica da mesma por um percentual significativo da população brasileira, torna-se indispensável que nas escolas sejam problematizadas as questões acerca da Cultura Visual e seus impactos sobre os sujeitos, em especial no que tange a formação identitária, manifestada, por exemplo, pela formação de tribos urbanas. Pois, julgar os impactos das imagens, devido à carga ideológica que possuem em acordo com a finalidade dos seus contextos geradores, em esfera global e social é mais recorrente quando as pensamos em instâncias independentes, e não nos colocamos como atuantes e responsáveis por elas.

5 REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- CANTON, Katia. **Espelho de artista [auto-retrato]**. São Paulo: Cosac & Naify: 2007.
- HERNANDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. **A parte do diabo: Resumo da subversão pós-moderna**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.